

Reconhecer, resistir, reinventar: percepções de homofobia e processos de autoemancipação em homens gays cisgêneros

Recognizing, resisting, reinventing: perceptions of homophobia and processes of self-emancipation in cisgender gay men

Reconocer, resistir, reinventar: percepciones de la homofobia y procesos de autoemancipación en hombres gays cisgénero



Walter Aristóteles Oliveira Miez

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

waltermiez@gmail.com

1

Resumo: O artigo investiga como a cis-heteronormatividade, a masculinidade hegemônica e a homofobia estrutural moldam a construção das identidades de homens gays cisgêneros no contexto brasileiro contemporâneo. O trabalho discute os mecanismos de normatização que impõem padrões rígidos de masculinidade e sexualidade, desvalorizando expressões dissidentes como a afeminação. A pesquisa empírica foi realizada com 200 homens gays cisgêneros. A partir da análise de conteúdo temática, os dados revelam que a masculinidade hegemônica funciona como modelo ideal inatingível, produzindo tensões entre pertencimento e rejeição, e gerando sofrimento psíquico, homofobia internalizada e mecanismos de silenciamento. No entanto, o reconhecimento dessas violências simbólicas e estruturais também pode impulsionar processos de autoafirmação, resistência e construção de redes de cuidado e apoio.

Palavras-chave: homofobia; homossexualidade; violência; homem; masculinidade.

Abstract: The article investigates how cis-heteronormativity, hegemonic masculinity and structural homophobia shape the construction of identities of cisgender gay men in the contemporary Brazilian context.

The work discusses the mechanisms of normalization that impose rigid standards of masculinity and sexuality, devaluing dissident expressions such as effeminacy. The empirical research was conducted with 200 cisgender gay men. Using thematic content analysis, the data reveal that hegemonic masculinity functions as an unattainable ideal model, producing tensions between belonging and rejection, and generating psychological suffering, internalized homophobia and mechanisms of silencing. However, the recognition of these symbolic and structural violences can also boost processes of self-affirmation, resistance and the construction of care and support networks.

Keywords: homophobia; homosexuality; violence; man; masculinity.

Resumen: El artículo investiga cómo la cis-heteronormatividad, la masculinidad hegemónica y la homofobia estructural moldean la construcción de las identidades de los hombres gays cisgénero en el contexto brasileño contemporáneo. El trabajo discute los mecanismos de normalización que imponen patrones rígidos de masculinidad y sexualidad, devaluando expresiones disidentes como el afeminamiento. La investigación empírica se llevó a cabo con 200 hombres gays cisgénero. A partir del análisis de contenido temático, los datos revelan que la masculinidad hegemónica funciona como un modelo ideal inalcanzable, lo que produce tensiones entre la pertenencia y el rechazo, y genera sufrimiento psíquico, homofobia internalizada y mecanismos de silenciamiento. Sin embargo, el reconocimiento de estas violencias simbólicas y estructurales también puede impulsar procesos de autoafirmación, resistencia y construcción de redes de cuidado y apoyo.

Palabras clave: homofobia; homosexualidad; violencia; hombre; masculinidad.

Submetido em: 14 de julho de 2025

Aceito em: 22 de outubro de 2025

Introdução

A construção da masculinidade entre homens na cultura ocidental é um processo marcado por normas e expectativas rigidamente estabelecidas, que orientam formas de ser, pensar e agir (Connell; Messerschmidt, 2013). Essa socialização, permeada por dispositivos históricos e culturais, é guiada por um sistema de coerção e normatização de gênero, no qual a cis-heteronormatividade, a masculinidade hegemônica e a homofobia operam como engrenagens articuladas. Com base nesse sistema, os sujeitos são ensinados a ocupar lugares definidos de poder, desejo e pertencimento, sustentando uma lógica que valoriza determinadas expressões de gênero e sexualidade em detrimento de outras (Scott, 1995; Louro, 2000).

Gênero, portanto, não é apenas uma categoria identitária, mas um processo formativo relacional, construído nas interações sociais e aprendido por meio da repetição de signos, códigos e símbolos (Scott, 1995). Nesse sentido, a cis-heteronormatividade funciona como uma matriz reguladora que articula a pretensa naturalização entre sexo, gênero e desejo (Louro, 2000; Scott, 1995), sustentando a expectativa de que sujeitos com pênis sejam, necessariamente, homens heterossexuais, enquanto sujeitos com vagina sejam mulheres heterossexuais.

Essa organização binária e normativa, descrita por autores como Jesus (2012), Teixeira (2003) e Vergueiro (2015), vincula o sexo biológico à identidade de gênero e à orientação sexual, anulando as múltiplas possibilidades de existência. Tais normas atravessam os corpos desde o nascimento (e mesmo antes dele), preparando-os para reproduzir e reafirmar um ideal de masculinidade cis-heterossexual.

Dentro desse esquema, a masculinidade hegemônica assume o papel de modelo ideal de homem, um padrão de conduta que promete privilégios sociais em troca da adesão à cis-heteronormatividade. Esse ideal, no entanto, é inatingível e marcado por exigências como o controle emocional, a negação do feminino e

a valorização da força e da virilidade, especialmente em espaços públicos (Connell; Messerschmidt, 2013; Rodriguez, 2019; Silva, 2000; Trindade; Nascimento, 2004).

Quando homens desviam dessas normas, especialmente por meio de expressões de gênero ou sexualidade consideradas dissidentes, entram em cena mecanismos de punição e controle, entre os quais a homofobia ocupa posição central. A homofobia, mais do que simples rejeição da homossexualidade, atua como forma de policiamento do gênero, reforçando hierarquias de poder e silenciando subjetividades que desafiam o modelo dominante (Borrillo, 2001; Lotti, 2022; Trindade; Nascimento, 2004; Rodriguez, 2019).

A masculinização de homens *gays cisgêneros*, nesse contexto, revela-se especialmente atravessada por experiências de violência simbólica, psicológica e física. A construção de suas identidades ocorre em meio a um campo de tensões entre pertencimento e rejeição, em que a tentativa de performar o ideal de masculinidade coexiste com a negação de sua sexualidade. Tal conflito gera sofrimento psíquico, mas também pode acionar mecanismos de resistência e autoemancipação (Lattanzio, 2011; Minayo, 2005; Oliveira, 2018).

É nesse ponto que emerge nosso interesse em investigar as percepções de homofobia e experiências de violência vividas por homens *gays cisgêneros*. Nossa foco é acenar como a identificação de processos de violência é fundamental para a autoafirmação e reinvenção de si. Reconhecemos que tais trajetórias não são uniformes, mas são mediadas por marcadores sociais como classe, raça e território. Neste trabalho, o recorte é direcionado à experiência de homens *gays*, brasileiros, cisgêneros e de classe média, buscando primeiramente identificar experiências de homofobia que esses reconhecem em sua trajetória, bem como acenar para a importância desse processo para a autoemancipação desses sujeitos.

A análise se ancora na Psicologia Social, em diálogo com as Ciências Sociais, campos comprometidos com a compreensão crítica dos processos de subjetivação, especialmente aqueles que emergem da tensão entre normas culturais e experiências de marginalização (Camino; Ismael, 2004). Pretendemos, com isso, contribuir para a construção de saberes comprometidos com processos emancipatórios.

Além disso, compreendemos que as estruturas normativas de gênero não são fenômenos recentes ou isolados, mas estão imbricadas no projeto colonial moderno. A colonialidade de gênero, conceito discutido por autoras como Lugones (2008) e autores como Quijano (2007), ajuda a revelar como a imposição de padrões de masculinidade e heterossexualidade foi (e ainda é) um instrumento de controle político e cultural. O ideal de homem branco, cristão, europeu e heterossexual ainda opera como matriz de poder que silencia modos dissidentes de existir (Cadilhe, 2022; Mazzaro, 2020, 2022; Santos; Santanna, 2022).

Assim, ao articular os estudos de gênero à perspectiva decolonial, pretendemos compreender como a homofobia e a violência contra homens gays cisgêneros não são desvios pontuais, mas expressões de um sistema que regula, controla e hierarquiza corpos e identidades.

Para a realização deste estudo, organizamos um conjunto de questionários direcionados a homens autodeclarados *gays*, com idade superior a 18 anos, com o objetivo de coletar dados sobre o processo de masculinização, a influência dos pares e da cultura na construção da identidade e a experiência de formação das identidades sexuais *gays*. Construímos um convite digital e disparamos o *link* de acesso aos instrumentos para coleta de dados autoaplicável nas redes sociais do pesquisador. Intencionávamos que os participantes também compartilhassem o acesso com seus pares para que a pesquisa tivesse o maior alcance possível. A pesquisa foi conduzida entre junho e dezembro de 2022, período em que obtivemos 200 respostas.

Os dados foram coletados exclusivamente para este estudo. Os respondentes são, majoritariamente, homens, *gays cisgêneros*, brasileiros, que habitam grandes capitais da região sudeste, têm escolarização superior, pertencentes à classe média, com idade entre 25 e 45 anos, trabalham, moram sozinhos ou com a família, são pouco religiosos e de inclinação política à esquerda.

Alinhados com Erick e Domingues (2019), entendemos que o gênero, mais do que uma categoria fixa, deve ser compreendido em seu caráter interseccional, ou seja, como uma construção atra- vessada por outros marcadores sociais, como sexualidade, classe e raça. Azevedo (2021), Gontijo e Erick (2015) e Pereira, Hilário e Fernandes (2022) nos trazem produções que apontam como a articulação dessas dimensões promovem existências particularizadas e modos singulares de significar e habitar o social, revelando a complexidade das experiências subjetivas e coletivas.

As expressões da diversidade sexual e de gênero são atra- vessadas por múltiplas dimensões sociais que configuram modos distintos de existir. Há efeitos concretos da classe, da raça e do território nas formas como essas expressões se manifestam e são percebidas socialmente, o que precisa ser considerado em qual- quer análise sobre gênero e sexualidade. Questões como geração, região de origem, escolaridade e deficiência também produzem atravessamentos específicos que influenciam os processos de masculinização e a construção das identidades sexuais de homens cisgêneros, determinando modos diversos de vivenciar e simboli- zar o próprio corpo e o mundo (Azevedo, 2021; Erick; Domingues, 2019; Gontijo; Erick, 2015; Pereira; Hilário; Fernandes, 2022).

Reconhecemos que pensar a interseccionalidade envolve com- preender os processos específicos que atravessam determinadas existências e as tornam vulneráveis a formas distintas de violência e exclusão (Akotirene, 2019; Mello; Gonçalves, 2012). Assim, o ob- jetivo não é particularizar ou individualizar vivências, mas mapear hierarquias e desigualdades organizadas com base na experiência de homens *gays cisgêneros* com a masculinidade hegemônica, tendo atentado mais para experiências comuns do que para suas variações com base em pertencimentos raciais ou de classe.

Infelizmente, a variabilidade insatisfatória da população respondente, ainda que não descredibilize os dados acessados, nos sinaliza que a rede do pesquisador e dos sujeitos dispostos a participar e divulgar essa pesquisa é majoritariamente composta por pessoas minimamente privilegiadas no que diz respeito à classe e à escolaridade. Ainda que estejamos falando de sujeitos entendidos como sexualidades dissidentes, com significativa variância de renda e quase 50% negra, o índice de escolaridade superior é um registro interessante para que pensemos o quanto estar inserido ou ter vivenciado espaços acadêmicos sensibiliza sujeitos a colaborar com produções científicas baseadas na metodologia de questionários para pesquisa on-line.

Ao longo deste trabalho não se justificou a diferenciação de respostas baseadas no critério raça porque mesmo havendo uma paridade de participantes brancos e não brancos, nessa amostra, suas respostas ao instrumento foram semelhantes. Isso nos sugere que talvez o instrumento continha questões que mobilizavam mais critérios que agregavam a experiência do ser *gay* do que em suas nuances interseccionais.

Na análise dos dados, o material foi classificado e organizado conforme a análise de conteúdo temática proposta por Bardin (1979), que busca compreender a lógica interpretativa dos signos presentes na comunicação, levando em consideração o contexto e as condições em que as respostas foram geradas. Optamos por realizar a pesquisa com homens *gays cisgêneros*¹ por dois motivos principais: (1) a compreensão de que os processos de socialização e masculinização se diferenciam entre homens cisgêneros e homens transgêneros; (2) a ideia de que, ao serem inseridos como uma cisgeneridade subalterna, a masculinização dos homens *gays* pode revelar aspectos interessantes sobre o processo de masculinização e sobre o impacto do controle de gênero nessas vivências.

Para a interpretação e análise do material coletado, utilizamos o método de análise de conteúdo temática conforme o modelo clássico proposto por Bardin (1979). Este método oferece um

¹ Ao longo do trabalho, a cada vez que nos referirmos a categoria “gay”, estamos nos referindo à experiência de *gays cisgêneros*, população referência para a composição deste trabalho.

sistema replicável para categorizar e interpretar os significados extraídos dos textos, que, no nosso caso, são as respostas dos participantes ao questionário. Durante o processamento dos dados, comparamos a frequência e a recorrência de certos termos nas respostas dos participantes, o que nos auxiliou na interpretação dos resultados. As discussões geradas e as correlações entre as categorias nos indicaram a relevância do trabalho qualitativo realizado com o material coletado.

Seguindo as orientações de Bardin (1979), nossa análise levou em consideração o contexto e as condições de produção das respostas, bem como os efeitos do enunciado, a descrição das características dos textos e a categorização dos temas a serem investigados. Mantivemos o foco na identificação de unidades de registro, destacando palavras-chave relevantes para a pré-análise, como: homem, masculino, *gay*, sexualidade. Isso nos ajudou a compreender quando os sujeitos estavam se referindo a questões relacionadas à identidade masculina, à expectativa sobre a masculinidade, à identidade *gay* ou a aspectos mais gerais da sexualidade.

8

Percepção de experiências de homofobia

No processo de socialização a cis-heteronormatividade, a masculinidade hegemônica e a homofobia funcionam como tecnologias de controle de gênero. Essa tríade tem função de orientação, modelo a ser seguido e punição respectivamente, gerenciando sob quais parâmetros homens serão masculinizados nessa cultura.

A cis-heteronormatividade atua como o eixo central que define quais corpos, identidades e desejos são compreendidos como legítimos. Ao estabelecer padrões sobre o que é considerado adequado em termos de gênero e sexualidade, ela organiza a forma como sujeitos são socializados e como o processo de masculinização é conduzido, mascarando como naturais normas que, na realidade, são produto de construções sociais e culturais (Butler, 2003; Vergueiro, 2015).

Dentro desse sistema, a masculinidade hegemônica surge como o modelo ideal de homem. Embora inatingível, ela serve como parâmetro para os comportamentos e atitudes que se espera dos homens, promovendo formas de subjetivação marcadas por rigidez, autoritarismo e repulsa ao feminino. A pressão para se adequar a esse ideal acarreta sofrimento psíquico, evidenciando o peso emocional de tentar corresponder a um padrão excludente e violento (Connell; Messerschmidt, 2013).

A homofobia, nesse contexto, atua como instrumento disciplinador, operando para punir qualquer expressão de gênero ou sexualidade que fuja às normas impostas. Ao reforçar os limites do que é tido como aceitável, ela contribui para a manutenção das hierarquias estabelecidas pela matriz cis-heteronormativa. Dessa forma, o sistema se sustenta e se reproduz por meio de três elementos articulados: a norma que organiza (cis-heteronormatividade), o modelo a ser seguido (masculinidade hegemônica) e o mecanismo de punição (homofobia), perpetuando uma ordem social assimétrica baseada em estereótipos de gênero (Borrillo, 2001).

A violência homofóbica, nesse contexto, emerge como um instrumento de coerção e repressão, funcionando para manter os indivíduos dentro dos limites impostos pela masculinidade tradicional. Coerção e repressão não são apenas atos isolados de homofobia, mas sim manifestações estruturais que reforçam a marginalização de expressões de gênero dissidentes da cis-heteronormatividade.

Ao investigarmos a percepção das experiências de homofobia, buscamos compreender se os participantes identificam diferentes formas de violência homofóbica em seu cotidiano, bem como eventos de estresse associados à identidade sexual *gay*. Essas vivências foram agrupadas em categorias temáticas, incluindo: situações de ocultação da identidade; expectativa de rejeição; estigma internalizado; microagressões e discriminação; episódios de vitimização; vínculo com a comunidade; e continuidade de eventos de homofobia.

Eventos de ocultação da identidade

A primeira categoria diz respeito às experiências de camuflagem da identidade *gay* ou da não masculinidade padrão, bem como sentimentos ou expectativas associadas à tentativa de se adaptar a ambientes homofóbicos.

Sujeitos são constituídos com base em valores cultivados e partilhados pelos grupos que fazemos parte de modo a alimentar nosso vínculo e pertencimento (Tajfel, 1981, 1982), mantendo a organização social segundo a prescrição de gênero (Connell; Messerschmidt, 2013; Scott, 1995; Trindade; Nascimento, 2004).

A cis-heteronormatividade funda uma estrutura social baseada na diferença dos sexos e controle do gênero, sexualidade, subjetividade, corpo e identidade. Contudo, essa estrutura arquitetada socialmente é camouflada e ganha aspecto de natureza, vontade divina ou determinação biológica (Louro, 2000; Maheirie, 2002).

Aqui estamos debatendo uma camuflagem social com manejo de informações ou comportamentos que devem ganhar visibilidade ou serem ocultados dos pares. Tal arranjo objetiva criar uma identidade de homem inteligível e com passabilidade, ou seja, sem atenção excessiva aos aspectos que destoam das expectativas e uma vida que acesse o mínimo de respeito nas relações. Tal qual um ilusionista recorre ao jogo de luzes para criar uma realidade para o expectador, homens *gays* também o fazem em busca de aceitabilidade e segurança.

A ocultação da identidade supostamente tem a função estratégica de fazer com que homens *gays* deixem de ser constrangidos, expostos ou vulnerabilizados a partir da publicização de sua identidade sexual ou da não correspondência à masculinidade padrão. Esse recurso que protege também submete sujeitos à hipervigilância rastreando todo e qualquer elemento em seu comportamento que possa escapar à vigília e gerar exposição.

Orientados pelos argumentos de Fanon (2008) sobre o que leva pessoas pretas a tentarem performar o ideal de brancura, entendemos que homens *gays* vivem um processo semelhante. Assim como pessoas negras buscavam aprovação, apesar da estrutura social racista, homens *gays* tentam performar a masculinidade hegemônica em busca de uma análise positiva dos pares em relação à sua masculinidade. Tais esforços intencionam que esses homens *gays* sejam mais aceitos, humanizados e protegidos de violências.

A necessidade de disfarçar a própria verdade, reprimir espontaneidade e suprimir autenticidade torna-se uma recorrência na existência de homens *gays*. Crescer sob a pressão de desempenhar uma masculinidade idealizada frequentemente implica: (1) o uso da mentira e da omissão como estratégias para autopreservação e busca por aceitação, e (2) o medo constante da reprovação pelos pares. Ao longo da pesquisa, a maioria dos participantes se reconheceu hipervigilante por serem *gays*, monitorando e controlando constantemente o modo de agir e/ou falar, temendo que algo pudesse evidenciar sua identidade sexual.

O processo de masculinização envolve a construção da identidade masculina a partir da assimilação de ensinamentos desde a infância, mediada pelas interações sociais. Esse padrão coletivo estabelece o que é considerado masculino, baseando-se em uma hierarquia que diferencia o “mais masculino” do “menos masculino”. Tal imposição se reflete na necessidade constante de os homens demonstrarem sua masculinidade perante os demais integrantes do grupo masculino, o que frequentemente resulta em comportamentos competitivos, agressivos e de risco. Rituais de passagem, iniciações e condutas antisociais fazem parte desse processo contínuo de validação da masculinidade, caracterizado pela diferenciação hierárquica em relação à feminilidade (Oliveira; Camargo, 2021).

Homens *gays* são incentivados socialmente ao enaltecimento de características entendidas como masculinas e à camuflagem das feminilidades posto que há repúdio e hostilidade a quem questiona e descumpre os moldes pelos quais a masculinidade

é inventada e replicada (Nascimento; Gianordoli-Nascimento, 2012; Oliveira, 2018; Oliveira; Myskiw; Silveira, 2020; Trindade; Nascimento, 2004).

Fundamentados nos estudos de Tajfel (1981, 1982) e Ciampa (1987, 2002), compreendemos que o reconhecimento do que é valorizado dentro do endogrupo e as expectativas projetadas sobre os indivíduos nele inseridos têm impacto direto na formação da identidade. Assim, as diretrizes sobre o que é ou não esperado dentro de uma determinada microcultura contribuem para a construção da identidade masculina e para a representação da masculinidade que os sujeitos reproduzem em sua sociabilidade.

Além de definir normas de conduta, a microcultura orienta os indivíduos, ainda que por meio de estereótipos de gênero. Essas práticas evidenciam uma valorização da dicotomia masculino/feminino como categorias rígidas e excludentes, reforçando estereótipos que determinam com quem se deve interagir, quais emoções são aceitas, como os contatos físicos devem ocorrer entre os pares e quais expectativas sociais são atribuídas com base no sexo (Scott, 1995).

Acenando para o processo de solidão ou superficialização de laços sociais experienciado por homens *gays*, alguns participantes sinalizaram ter evitado ou controlado partilhar elementos da vida particular para não dar pistas sobre sua identidade sexual. Muitos deixaram de ir ou levar pessoas a eventos sociais; muitos não conseguiram falar sobre a própria sexualidade com amigos(as), familiares, colegas. Muitos homens *gays*, temendo a rejeição ou a violência simbólica e física, passam a restringir o compartilhamento de aspectos da sua vida pessoal ou optam pelo silêncio, reforçando a sensação de isolamento e desconexão com seus pares.

Essa solidão não é apenas resultado da exclusão direta, mas também da antecipação da rejeição. O medo faz com que homens *gays* evitem espaços onde sua presença possa ser questionada ou analisada sob o olhar cis-heteronormativo. A restrição ou afastamento da vida social se baseia no receio de enfrentar situações

desconfortáveis ou até hostis. Para protegerem-se, criam versões limitadas de si, compartimentando a própria identidade e mantendo diferentes facetas de sua vida separadas (Borrillo, 2001; Lotti, 2022; Oliveira, Myskiw; Silveira, 2020).

Ainda que alguns participantes sinalizem ter encontrado refúgio ao estabelecer laços com pessoas que demandam menos vigilância, como outros homens *gays* ou mesmo mulheres, ainda assim, mantém-se a exclusão dos círculos masculinos tradicionais, aprofundando a sensação de não pertencimento. A solidão emerge desse processo como um fenômeno social e estrutural. Assim, a masculinidade hegemônica e a homofobia não só regulam quem pertence ao pacto masculino, mas também impõem uma existência fragmentada e solitária para aqueles que não podem ou não querem se encaixar na lógica cis-heteronormativa (Borrillo, 2001; Lotti, 2022; Oliveira; Myskiw; Silveira, 2020).

A homofobia alicerça piadas e provocações promovendo experiências vexatórias no intuito de educar e masculinizar homens, bem como desqualificar sujeitos supostamente menos masculinos. Alguns participantes afirmaram terem tido sua identidade sexual exposta sem o consentimento, mesmo em casos que esses o fizeram “com boas intenções” ou sem a percepção das consequências dessa conduta. Em muitos dos casos, o comportamento dos pares mudou negativamente após a exposição.

Sob a matriz cis-heteronormativa, constrangimentos, coações e agressões são elementos recorrentes no processo de masculinização dos homens. Por meio dessas experiências, muitos acabam se percebendo em desacordo com a masculinidade ideal. Diante desse cenário, homens enfrentam a pressão de se conformar a esses padrões ou tornam-se alvos de violências de caráter homofóbico (Borrillo, 2001; Lotti, 2022; Trindade; Nascimento, 2004). Aqui se reapresentam regra, modelo idealizado e punição como a tríade das tecnologias de controle de gênero.

Expectativa de rejeição

A segunda categoria refere-se a sentimentos ou expectativas de desprezo, abandono, repúdio e reprovação dos sujeitos pelos pares. Durante a pesquisa, a maioria dos participantes acenaram forte preocupação em ter sua identidade revelada, bem como inseguranças em relação à possibilidade de serem aceitos e bem quistos ou não pelos seus pares.

Alguns participantes afirmaram também se sentir deslocados por conta da própria identidade sexual, com dificuldade de estabelecer laços e se sentir espontâneo. Esses temeram que, ao se desarmarem², pudesse envergonhar a família e os amigos(as), bem como vivenciar experiências ruins ligadas à reprovação, tais como serem desrespeitados ou constrangidos.

A formação da identidade dos indivíduos está profundamente enraizada nos valores cultivados e compartilhados pelos grupos dos quais fazem parte, pois é por meio desses vínculos que buscamos reconhecimento e pertencimento. No entanto, grupos sociais frequentemente reforçam sua identidade coletiva por meio da exclusão daqueles que não se encaixam nos códigos estabelecidos, denunciando, desqualificando ou até rompendo vínculos com os que representam uma ameaça à sua coesão (Tajfel, 1981, 1982). Para homens *gays*, essa dinâmica fortalece a expectativa de rejeição, levando muitos a adotarem estratégias de dissimulação para evitar a exclusão dos grupos que desejam pertencer.

Lattanzio (2011) e Minayo (2005) já destacaram como a masculinidade hegemônica influencia a subjetividade dos homens, instruindo-os a proteger sua honra e a reafirmar sua masculinidade por meio de estereótipos de gênero. Essa constante vigilância e exigência de conformidade se traduz para homens *gays* em um estado contínuo de alerta e expectativa de rejeição, posto que sua identidade é percebida como uma ameaça à masculinidade hegemônica.

2 Embora seja coloquial, o termo é adequado ao contexto enunciativo, pois remete à ideia de masculinidade bética, inclusive na composição endurecida do corpo.

Para homens *gays*, essa expectativa de rejeição muitas vezes os leva a restringir sua expressão, esconder aspectos de sua identidade e desenvolver mecanismos de defesa que podem incluir isolamento ou hipermonitoramento do seu próprio comportamento. Tais aspectos os vulnerabiliza potencialmente à autodegradação, como: abuso de álcool e outras drogas, pensamentos e tentativas de autoextermínio, e adoecimento mental (Parente *et al.*, 2015).

Por outro lado, a existência de espaços culturais e de convivência LGBTQIAPN+³ possibilita um ambiente em que, mesmo antes de um processo de autoidentificação consolidado, indivíduos possam interagir com diferentes experiências e narrativas de pessoas subalternizadas (Costa, 2012; Cruz, 2013; Meira; Ferreira, 2018). Esses espaços funcionam como refúgios que contrastam com o cenário normativo de exclusão, oferecendo oportunidades para que homens *gays* desenvolvam sua identidade sem a constante sensação de ameaça e rejeição. Contudo, o fato de precisarem recorrer a esses ambientes específicos também ressalta a segregação imposta pela masculinidade hegemônica, reforçando o peso da expectativa de rejeição na vida cotidiana.

Para homens *gays*, a expectativa de rejeição se fortalece quando o silêncio e a neutralidade imperam nos ambientes familiares, de amizade e de trabalho. Cabe aos familiares e amigos o exercício ativo do acolhimento às pessoas LGBTQIAPN+, manifestando apoio não apenas no convívio pessoal, mas também nas esferas políticas e sociais. Esses sinais de aceitação são fundamentais para que esses indivíduos sintam segurança em sua identidade e no pertencimento ao grupo, sem receio de serem expostos ou denunciados por serem quem são. A existência de um ambiente de acolhimento pode evitar que homens *gays* sintam que precisam performar constantemente para evitar exclusão ou esconder aspectos essenciais de si mesmos. O acolhimento é, portanto, fundamental numa prática anti-homofobia.

³ Lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais, *queer*, intersexuais, assexuais, pansexuais, pessoas não binárias, dentre outras identidades.

Estigma internalizado

A terceira categoria refere-se à apropriação de estereótipos negativos ligados a identidades *gays* e seus efeitos no cotidiano dos sujeitos. Muitos participantes sentiram a necessidade de atender ideias estereotipadas de masculinidade para serem desejáveis ou respeitados pelo público *gay*. Dentre os aspectos, estavam: investir em hábitos sexuais masculinistas, como quantidade de práticas sexuais e adotar postura dominadora; acessar serviços estéticos com intuito masculinizatório, bem como exercer mudanças no corpo para se encaixarem num padrão de beleza, tais como ter pelos ou músculos. Esses sentiram também a necessidade de ter mais dinheiro para acessar determinados bens de consumo necessários a pessoas *gays*, tais como roupas, festas, viagens, etc.

Entendidos do caráter performático do gênero, tomamos por base os trabalhos de Alves e Machado (2021), Máximo e Leite (2020) e Santos e Pereira (2019) para compreender como o mercado estético se debruça em lógicas generificadas para incentivar consumo e produzir lucro. Há toda uma indústria preparada para atender à prescrição social que vende a ideia que corpos gordos ou magros demais, com poucos pelos, são menos masculinos que corpos fortes e peludos, de voz grossa e pênis grande. Assim, problemas criados pela cis-heteronormatividade são prontamente corrigíveis por um mercado que ela mesma organiza, visando o próprio lucro e reafirmando suas lógicas.

Apesar da transfobia se valer do argumento que corpos transgênero não são naturais, homens cisgêneros fazem constantes intervenções para reafirmação de gênero, como: uso de anabolizantes para crescer massa muscular, uso de estimulantes sexuais, uso de medicações para queda capilar, uso de químicas para estimular o crescimento de barba, realização de harmonizações masculinizadoras para tornar o contorno do rosto supostamente mais músculo. Questionamentos sobre a diversidade de corpos e de formas de ser homem são inibidos, dando lugar à premiação social oferecida a quem dá mais um passo em direção à suposta estética de um ideal de masculinidade.

Outro aspecto de estigma internalizado é que muitos participantes acenam também ficar hipervigilantes em relação ao receio de se contaminar com Infecção Sexualmente Transmissível (IST). Como resultado, sentem a necessidade excessiva de buscar serviços de saúde para aferir a saúde sexual e para a realização exames. A maioria dos participantes realizou testagens ou solicitou exames por acreditar estar contaminado com IST. Esse temor às ISTs é tão expressivo que participantes pensaram sobre ISTs durante atos sexuais e tiveram medo de morrer por isso.

O estigma social alimenta uma narrativa que homens *gays* são intrinsecamente promíscuos e têm comportamento que os torna mais vulneráveis a infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Esse é um discurso médico amplamente disseminado como forma de controle e monitoramento das existências e práticas sexuais de homens *gays*, não apenas fortalecendo estereótipos negativos, mas também a homofobia.

A homofobia internalizada, conforme discutida por Toneli e Becker (2010), manifesta-se na apropriação da violência normativa. Han (2018) aponta como sua interiorização ocorre por meio da absorção de discursos hegemônicos que associam a homossexualidade a algo vergonhoso, imoral ou perigoso. Nesse contexto, o sujeito passa a confundir sua própria existência com a necessidade de atender demandas exteriores impostas como requisitos para uma vida digna.

Assim, muitos homens *gays* desenvolvem um medo paralizante de explorar sua sexualidade, pois, ao mesmo tempo em que desejam se permitir experiências, temem que possam ser vistos como hipersexualizados ou com uma sexualidade doentia. Esse receio também se reflete na preocupação extrema com a possibilidade de contrair ISTs. Como nos conta Borrillo (2001), há uma somatória de discursos que pairam no meio social associando prazer e desejo homossexual ao risco e à culpa. Ao longo dos tempos, a homossexualidade foi fortemente associada a crime, pecado ou doença. Portanto, a preocupação com ISTs não é apenas uma

questão de saúde, mas também porque o adoecimento em homens *gays* é constantemente associado à punição moral ou divina pela sexualidade bestial.

É difícil carregar tal existência sem invejar os privilégios de pessoas heterossexuais, e muitos participantes se reconheceram assim, bem como afirmaram já ter desejado não ser *gay*, supondo ser isso um erro divino ou da natureza, conflitando em algum momento até mesmo com a própria fé religiosa. Alguns assumem ter chegado a buscar tratamento clínico ou espiritual para converter sua identidade sexual.

Alimentada pela cis-heteronormatividade, a internalização de signos como misoginia, patriarcado, machismo, masculinidade hegemônica e heterossexualidade compulsória cria um cenário em que a homofobia internalizada se torna um instrumento de autonegação e aniquilação da existência *gay* (Antunes, 2017). Para muitos homens *gays*, essa internalização os leva a desejar não ser quem são, sentindo-se erros da natureza ou indignos de pertencimento e amor, inclusive divino.

Han (2018) argumenta que, assim como o sistema se organiza para exercer sua autoridade e controlar aqueles que divergem de suas prescrições, ele também gera tensões entre grupos, aprofundando conflitos internos e externos. O autor destaca que, muitas vezes, esse controle se dá de maneira sutil, não por meio da coerção direta, mas pela manipulação da linguagem e da moralidade. Para muitos homens *gays*, esse controle se manifesta em uma relação conflituosa com a fé, na qual os ensinamentos religiosos, frequentemente permeados por discursos excludentes, reforçam a ideia de que sua identidade é um desvio ou pecado.

O conflito entre identidade e fé gera um sofrimento profundo, fazendo com que alguns homens *gays* tentem modificar-se, buscando “curas” ou formas de apagar sua orientação sexual. Esse processo, longe de trazer alívio, intensifica sentimento de culpa, inadequação e solidão, perpetuando o ciclo de autodepreciação sustentada pela homofobia internalizada.

Microagressões e eventos de discriminação

A quarta categoria refere-se às experiências de homofobia sutil, implícita, em contexto privado ou das microrrelações pelos sujeitos da pesquisa. A maioria dos participantes afirmou ter sido alvo de comentários, apelidos e/ou piadas referentes à sua identidade sexual. Mesmo a nomeação como *gay* muitas vezes se deu por outras pessoas, nomeando-o antes mesmo que esse soubesse seu significado.

A maioria dos participantes também sinaliza ter sido constrangido por não se identificar com atividades atribuídas ao gênero masculino ou por se identificar com atividades atribuídas ao gênero feminino. Em alguns contextos, os participantes viveram situações de ridicularização, humilhação e/ou constrangimento relacionados a ser *gay*, se submetendo a situações que reduziram sua autoestima para ser aceito. Excluídos de grupos de amigos, familiares e trabalho, alguns participantes acenam que mesmo sendo homens cisgêneros foram tratados pelos seus pares por nome/prenome diferente dos quais se identifica, geralmente de maneira jocosa associando-os a uma identidade feminina.

À medida que indivíduos não correspondem às expectativas sociais de gênero, diferentes formas de constrangimento e punição são acionadas para sinalizar a transgressão como algo ofensivo e inaceitável. Essa coerção, muitas vezes sutil e mascarada, opera como uma violência implícita, reforçando normas de masculinidade e perpetuando hierarquias sociais.

Um dos mecanismos dessa violência é a homofobia recreativa, que se manifesta por meio da ridicularização e da feminilização jocosa de homens *gays*, reduzindo-os a estereótipos caricaturais. Esse fenômeno, longe de ser inofensivo, reafirma padrões violentos ao disfarçar a desqualificação sob a justificativa do humor. As provocações homofóbicas, comuns no cotidiano das relações sociais, especialmente entre homens, servem como um instrumento de policiamento das masculinidades, em que “o mais macho zomba do menos macho” para reafirmar sua posição na hierarquia de gênero (Borrillo, 2001; Lotti, 2022).

A sutileza da homofobia recreativa a torna ainda mais insidiosa, pois esconde seu potencial violento atrás de risos e deboches, tornando difícil sua denúncia. Ao se apoiar na ideia de que “é apenas uma brincadeira”, essa estrutura de violência fragiliza qualquer reação, forçando aqueles que são alvo das agressões a silenciarem-se para evitar ainda mais exposição e marginalização. Dessa forma, a violência implícita presente na homofobia recreativa reforça não apenas a inferiorização do feminino, mas também o medo constante de punição vivido por homens *gays*, tornando sua existência um campo de vigilância e correção permanente.

A socialização é o processo pelo qual os indivíduos são inseridos na sociedade, internalizando valores, normas e significados que orientam suas percepções sobre o que é considerado bom ou mau, normal ou anormal (Geertz, 1989). No entanto, essa socialização ocorre dentro de uma cultura marcada por estruturas sociais que determinam quais identidades e experiências são valorizadas e quais são marginalizadas. Com base na normalização do modelo heterossexual, que é legitimado como padrão, qualquer outra forma de existência é colocada em posição de anormalidade (Prado; Machado, 2008). Esse processo contribui para a homofobia internalizada em homens *gays*, pois leva à introjeção de cis-heteronormatividades que desvalorizam e marginalizam suas próprias identidades e desejos.

Para pessoas *gays*, esse processo pode resultar em uma sensação constante de inadequação, pois os valores culturais dominantes frequentemente reforçam a ideia de que suas vivências e afetos são anormais ou indesejáveis. Muitos participantes se sentiram impossibilitados de levar uma vida “normal” ou ter um relacionamento afetivo exclusivamente por serem *gays*.

A homofobia e as pressões masculinistas impõem um modelo rígido de relacionamento e de vida, baseado nos modelos de heterossexualidade compulsória e masculinidade hegemônica. Homens *gays*, desde cedo, não apenas não consomem muitas referências de afetividade entre homens, como aprendem que essa deve ser ridicularizada e desqualificada. Dessa forma, é comum

que homens *gays* acreditam que ter um relacionamento afetivo saudável e público é um privilégio exclusivo das relações heterossexuais. A pressão para se conformar aos padrões de masculinidade muitas vezes resulta em relacionamentos clandestinos, evitação de demonstrações públicas de afeto, ou a negação do desejo.

Perceber a homofobia entre os pares fez com que os participantes não apenas vivessem opressão, como também os fez sentir que conviviam com pessoas que precisariam ser educadas sobre questões ligadas a identidades sexuais. Contudo, os participantes reconhecem terem sido acusados de ser muito defensivos ou politicamente corretos ao tentarem estabelecer essas conversas com pessoas da sua convivência. A maioria dos participantes também afirma ter tido sua opinião desconsiderada, precisando gastar mais energia que outras pessoas para ter a opinião ouvida ou tendo a opinião desqualificada ao denunciar situações de homofobia.

A normalização do modelo heterossexual como padrão legítimo (Prado; Machado, 2008) não apenas marginaliza identidades dissidentes, mas também cria um ambiente em que denúncias e críticas a comportamentos homofóbicos são desvalorizadas e invisibilizadas. Esse contexto contribui para a homofobia internalizada em homens *gays*, pois os leva a enfrentar constantemente a negação de suas experiências e o enfrentamento a posturas homofóbicas e atos de discriminação. Como nos conta Butler (2003) e Gonçalves (2023), é preciso driblar a estrutura cis-heteronormativa e seu modelo de normalidade para contestar suas lógicas de exclusão e o silenciamento.

Muitos participantes reconheceram que, além de escutar comentários homofóbicos em espaços de convivência, essas mesmas violências se repetiram em espaços midiáticos. A mídia e as produções culturais desempenham um papel central na construção de sentidos sobre a homossexualidade, podendo tanto reforçar estereótipos e violências quanto promover maior compreensão e representatividade. A normalização do modelo heterossexual como padrão legítimo (Prado; Machado, 2008) se reflete nos conteúdos midiáticos, onde homens *gays* são frequentemente retratados

tados de maneira estereotipada, fútil, superficial ou mesmo como vilões, como apontam Colling (2007) e Lau (2014). Essa construção não apenas limita a diversidade de narrativas LGBTQIA+, mas também contribui para a perpetuação da homofobia, influenciando a forma como a sociedade percebe e trata essas identidades.

A falta de representatividade autêntica impacta diretamente na invisibilização das denúncias contra a homofobia, pois a ausência de personagens complexos e histórias verossímeis reforça o senso comum de que a discriminação não é um problema estrutural, mas sim um exagero ou um mimimi⁴ por parte da população LGBTQIAPN+. O impacto da mídia na normalização dessas dinâmicas de exclusão é significativo, posto seu potencial de interferir no o imaginário coletivo, ela influencia a recepção de críticas, a sensibilização do grande público às pautas e reivindicações por equidade.

No entanto, o cenário está passando por mudanças impulsionadas por movimentos político-sociais e pelo crescimento das plataformas de *streaming*, conforme apontam Penner e Greco (2023) e Santos (2023). A diversificação de roteiristas e diretores tem proporcionado maior espaço para narrativas mais autênticas e plurais, ampliando a representatividade e fomentando o senso de pertencimento da comunidade LGBTQIAPN+. Esse movimento é fundamental, pois a cultura pop e a produção audiovisual não apenas refletem, mas também influenciam as transformações sociais, possibilitando que indivíduos se reconheçam em personagens e narrativas que validam suas vivências.

Dessa forma, a mídia carrega a responsabilidade de combater a homofobia não apenas pela inclusão de personagens LGBTQIAPN+, mas também por meio da construção de histórias que rompam com estereótipos, promovam a humanização dessas identidades e incentivem o debate social. Ao assumir esse papel, as produções culturais podem atuar na desconstrução da violência simbólica e estrutural, ajudando a transformar a percepção da sociedade sobre a diversidade e fortalecendo a luta contra a homofobia e a invisibilização das experiências LGBTQIAPN+.

⁴ Embora seja coloquial, o uso do termo é adequado ao contexto enunciativo. A expressão faz referência ao discurso comumente mobilizado pelos princípios conservadores.

Em razão da identidade *gay*, alguns participantes acenam terem sido condicionados a receber serviços desnecessários, serviços de má qualidade ou não receberam algum serviço, mesmo por profissionais de saúde. Em alguns casos, inclusive, lhes foi oferecido tratamento clínico ou espiritual de “cura *gay*”.

A discriminação e o preconceito no acesso à saúde enfrentado por homens *gays* refletem um desafio persistente para o enfrentamento da homofobia no cuidado em saúde. Lages, Silva, Campos e Miez (2014) destacam como fatores estruturais e sociais contribuem para a vulnerabilidade de populações marginalizadas, como homossexuais negros, no contexto do HIV/AIDS. Essa vulnerabilidade, no entanto, se estende a outros âmbitos da saúde, onde homens *gays* frequentemente relatam experiências de atendimento inadequado, serviços desnecessários e até a recusa de assistência.

A imposição de tratamentos clínicos ou espirituais para a chamada “cura *gay*” é um exemplo extremo da patologização da homossexualidade, refletindo a influência de valores morais e religiosos na prática profissional. Isso não apenas compromete a qualidade do atendimento, mas também reforça a desconfiança dessa população no sistema de saúde, resultando na evasão dos serviços médicos. Lages, Silva, Campos e Miez (2014) destacam que o acesso ao cuidado é muitas vezes atravessado por barreiras raciais e de orientação sexual, o que potencializa o risco de desassistência e agrava desigualdades já existentes.

Para superar esses desafios, é necessário um esforço contínuo na formação de profissionais de saúde, incluindo a sensibilização para questões de diversidade e a implementação de políticas públicas que garantam um atendimento humanizado e livre de preconceitos. A capacitação dos serviços de saúde para atender de forma inclusiva e respeitosa é essencial para combater a homofobia institucionalizada e garantir que todos tenham acesso a cuidados médicos de qualidade, sem discriminação (Lages; Silva; Campos; Miez, 2014).

Alguns participantes acenam também terem sido tratados injustamente por autoridades de onde estudaram ou trabalharam, tiveram oportunidades de trabalho dificultadas ou negadas e as atenções se voltavam para si apenas quando o assunto se relacionava à sua sexualidade. Nos contextos do ambiente de trabalho, determinadas situações afetaram inclusive a confiança e na auto-percepção de competência profissional dos participantes.

Borrillo (2001) e Lotti (2022) já nos acenaram que a discriminação contra homens *gays* em ambientes de estudo ou de trabalho se articula a uma estrutura social cis-heteronormativa. De Oliveira (2017) complementa acenando que, no ambiente corporativo, a falta de inclusão pode se manifestar de várias formas: desde a dificuldade em ascender a cargos de liderança até a exclusão sutil em redes de relacionamento e mentorias. Quando a identidade sexual de um profissional se torna um fator predominante em sua identidade corporativa, há uma redução de sua complexidade como indivíduo e trabalhador, limitando seu potencial de crescimento.

Diante disso, é fundamental que políticas e programas de diversidade sejam adotados como estratégia de enfrentamento à homofobia no mercado de trabalho. Empresas que investem na inclusão LGBTQIAPN+ não apenas criam ambientes mais justos e saudáveis, mas também se beneficiam de equipes mais criativas e engajadas. Programas de treinamento, incentivo à contratação de pessoas LGBTQIAPN+ e a criação de espaços de acolhimento são medidas fundamentais para combater a discriminação e promover um ambiente profissional equitativo (De Oliveira, 2017).

Para além, organizações comprometidas com a diversidade devem também garantir canais eficazes para denúncia de discriminação e assédio, bem como promover lideranças inclusivas que incentivem a equidade. O mercado corporativo é um espaço determinante para a desconstrução de estigmas e fortalecimento de um modelo de gestão que valoriza a diversidade.

Eventos vitimizadores

A quinta categoria diz respeito às experiências de violência explícita ou pública em decorrência da identidade *gay*. A maioria dos participantes afirmou ter sofrido *bullying*, sido ofendido verbalmente, inclusive com o uso da própria identidade sexual como xingamento.

Esses também foram alvo de calúnia e sofreram intimidações e ameaças físicas, mesmo de pessoas que não conheciam. Comentários ou brincadeiras desconfortáveis de teor sexual também fizeram parte dessas experiências de violência, nas quais sujeitos passaram por situações em que pessoas tocaram seus corpos sem consentimento e chegaram a receber propostas sexuais indevidas. De toda forma, participantes sinalizaram que seu direito de ir e vir fora de alguma forma limitado, resultando muitas vezes em agressão física ou violência sexual.

O uso da identidade sexual como ofensa não é apenas uma tentativa de desqualificação pessoalizada, mas uma forma de reforçar uma estrutura cis-heteronormativa. Esse recurso tem impacto coletivo, posto que a homofobia funciona para o enaltecimento de uma masculinidade hegemônica na qual o mais macho é hipervalorizado em detrimento do menos macho. Esse tipo de hostilidade se reflete também nas intimidações e ameaças físicas, muitas vezes vindas até de desconhecidos, evidenciando o quanto a homofobia está enraizada na cultura e permite que indivíduos se sintam no direito de atacar outros com base apenas em sua identidade (Borrillo, 2001; Connell; Messerschmidt, 2013).

Toques não consentidos, comentários de teor sexual e propostas indevidas reforçam nossa percepção que corpos de pessoas que não ocupam uma posição de hegemonia são tratados como um convite aberto a abusos, sofrendo fetichização e desrespeito. Como nos afirma Teixeira (2003), o que está em jogo em maior instância não são as práticas sexuais ou os desejos dos sujeitos na intimidade, mas como no espaço público a desqualificação e o ódio ao feminino são fundamentais para a manutenção de hierarquias sociais e lógicas de poder cis-heteronormativas.

Conexão com a comunidade

A sexta categoria refere-se à sensação de pertencimento e vivências em um coletivo. Esse coletivo, por vezes, pode ser chamado de comunidade *gay* ou população *gay* para se referir ao conjunto de pessoas com essa mesma identidade sexual. A diferença entre os dois termos está no fato de a ideia de comunidade remeter ao aspecto cooperativo, muitas vezes não encontrado no coletivo *gay*. Já a ideia de população acena para elementos compartilhados por pessoas, tal como o desejo por pessoas do mesmo sexo, contudo, essas podem ou não estar submetidas a experiências semelhantes.

A percepção de violência em função da homofobia é um exemplo de como essa violência de cunho estrutural não é, necessariamente, notada ou vivida por homens *gays* da mesma forma. Como nos conta Borrillo (2001), a homofobia ganha contornos e efeitos diferentes especialmente quando levamos em consideração outras dimensões parâmetros de discriminação, como classe, raça, escolaridade e região.

Considerando-se o grupo de participantes da pesquisa, a maioria afirmou não se sentir contemplado por políticas públicas e sentir não saber onde buscar informações, encontrar serviços profissionais especializados sobre a experiência de ser *gay*, ou vivê experiências em locais públicos inclusivos.

Como apresentado na categoria 2.3, “Estigmas internalizados”, e reiterado nesta, a maioria dos participantes afirmou ter sofrido pressão para realizar mudanças para, então, se encaixar numa comunidade *gay*. Dentre essas pressões, estão: atender estereótipos de uma masculinidade idealizada, redirecionar hábitos sexuais, realizar mudanças no corpo, ter mais dinheiro, consumir determinados produtos, etc.

A homofobia como tecnologia de controle de gênero se manifesta na própria organização social, que marginaliza sujeitos e os impede de se sentirem pertencentes a uma comunidade. Temos exemplo disso quando homens *gays* relatam não se sentirem

contemplados por políticas públicas, posto que, alimentado pela estrutura social homofóbica, existe uma lacuna institucional que reforça a exclusão e impede o acesso a direitos básicos para homens gays (Cadilhe, 2022; Connell; Messerschmidt, 2013; Mazzaro, 2020, 2022; Oliveira, 2018; Rodriguez, 2019; Silva, 2000; Toneli; Becker, 2010; Trindade; Nascimento, 2004).

Além disso, há um paradoxo em relação à comunidade gay. Em espaços culturais e de convivência LGBTQIAPN+, sujeitos tendem a se sentir pertencidos e abertos a trocas. Isso se dá pela possibilidade de encontrar pares com os quais sintam compartilhar vivências semelhantes. Contudo, muitos participantes relataram sofrer pressão para se encaixar em padrões específicos dentro dessa comunidade, evidenciando como a masculinidade hegemônica se articula ao mercado. Lógicas de consumo impõem disputas e pressões mesmo em grupos onde se espera acolhimento.

Como nos conta Borrillo (2001), essa necessidade de adequação revela a fragilidade da masculinidade hegemônica, que exige constante reafirmação, vigilância e preservação de quaisquer aproximações do feminino. Tal arranjo incide da mesma maneira entre homens gays – pressão estética, identitária, socioeconômica para uma performance de sucesso que os destaquem diante dos demais.

Continuidade de eventos de homofobia

Ao longo do questionário de “Percepção de experiências de homofobia”, mapeamos a eventos de homofobia na vivência de homens autoidentificados gays. Encerramos esse mapeamento localizando a possibilidade de tais violências ainda se repetirem na vida dos participantes, aspecto que constitui a sétima categoria de análise. Sabemos que as experiências sinalizadas nas categorias acima não estão restritas especificamente à etapa da vida em que homens gays estão consolidando a própria identidade ou saindo do armário. Pelo contrário, mesmo diante de uma autonomia, seja financeira ou emocional, a maioria dos participantes da pesquisa afirma a continuidade desses dilemas em suas vidas.

As informações com as quais nos deparamos ao longo do questionário nos permitem inferir que: compreender sobre a própria identidade sexual auxilia sujeitos a se localizarem melhor no mundo, contribui no processo de autonomeação e reconhecimento de fenômenos vividos, e possibilita a compreensão da violência numa matriz estrutural. Contudo, infelizmente, desesperar para esses processos não transforma plenamente realidades a ponto de os participantes não serem mais atravessados por violências homofóbicas.

A homofobia como tecnologia de controle de gênero se reafirma como um mecanismo disciplinador que perpetua ciclos de opressão e violência restringindo a possibilidade de existência plena e segura para homens *gays*. Portanto, faz-se necessário a instrumentalização de políticas públicas a partir de trabalhos como o que nos propomos aqui. Os resultados dessa pesquisa apontam implicações significativas no campo das políticas públicas, especialmente nas áreas da saúde, da educação e dos direitos LGBTQIAPN+.

A análise das experiências de homens *gays* frente à cis-heteronormatividade e à masculinidade hegemônica revela que a afeminação, embora frequentemente associada à inferioridade e alvo de discriminação, também constitui um potente marcador de resistência e afirmação identitária. Essa constatação exige que políticas públicas reconheçam e acolham as múltiplas expressões da masculinidade, rompendo com modelos cis-heteronormativos e excludentes.

No campo da saúde, torna-se urgente o fortalecimento de políticas voltadas à atenção psicossocial da população LGBTQIAPN+, considerando os efeitos da homofobia estrutural sobre a saúde mental. É fundamental investir na formação de profissionais que compreendam as dinâmicas de gênero e sexualidade de forma crítica, garantindo acolhimento eficiente e combatendo práticas discriminatórias institucionais. Além disso, o incentivo à criação de redes comunitárias e centros de referência LGBTQIAPN+ pode promover espaços de cuidado e pertencimento que atuem como estratégias de resistência às violências simbólicas e estruturais.

Na educação, os dados da pesquisa reforçam a necessidade de incorporar discussões sobre gênero, diversidade sexual e masculinidades nas práticas pedagógicas, currículos e políticas escolares. A formação docente deve incluir o preparo para lidar com preconceitos e promover um ambiente seguro e acolhedor para estudantes LGBTQIAPN+. Combater o *bullying* e a discriminação nas escolas é uma ação educativa e política essencial para a construção de uma cultura de respeito à diferença.

No campo dos direitos e da cidadania, os resultados indicam a importância de reconhecer a afeminação como expressão legítima de gênero e subjetividade, rompendo com a lógica que a associa à fraqueza ou à inferioridade. Campanhas públicas de enfrentamento à homofobia devem evidenciar seu caráter estrutural, ampliando a conscientização social e promovendo o respeito às pluralidades. Também é estratégico apoiar iniciativas culturais e artísticas que valorizem narrativas afeminadas e corpos dissidentes, fortalecendo sua visibilidade política e social.

Por fim, é necessária uma ação intersetorial entre saúde, educação, cultura e direitos humanos para o enfrentamento articulado das violências e exclusões impostas pela cis-heteronormatividade. Combater a homofobia estrutural e desestabilizar os padrões da masculinidade hegemônica não é apenas uma questão individual, mas uma tarefa política e coletiva, fundamental para a consolidação de uma sociedade mais equânime.

Considerações finais

Este trabalho buscou compreender como a cis-heteronormatividade, a masculinidade hegemônica e a homofobia estrutural atravessam a construção das identidades de homens gays, especialmente aqueles que não se alinham aos padrões esperados de masculinidade. A partir dos dados analisados, ficou evidente que a afeminação, frequentemente alvo de escárnio e ridicularização, opera como uma marca de constrangimento social, mas também como um potente elemento de afirmação identitária. A pressão

para ocultar traços afeminados ou negar a própria identidade sexual revela o quanto esses corpos continuam sendo disciplinados pela norma cis-heterossexual, que marginaliza e patologiza a diferença.

A cis-heteronormatividade atua de maneira sutil e persistente ao impor a necessidade de vigilância constante sobre si, criando um ambiente em que o simples ato de existir enquanto homem *gay* já carrega o risco de rejeição, exposição e violência. A expectativa de ser desqualificado, somada à experiência cotidiana de microagressões e discriminações, reforça um sentimento de inadequação que muitas vezes leva à homofobia internalizada. Nesse contexto, a afeminação, elemento que remete ao feminino e, portanto, à vulnerabilidade, torna-se um marcador de inferioridade dentro e fora da comunidade *gay*.

A masculinidade hegemônica, por sua vez, acentua essas tensões ao estabelecer modelos rígidos de comportamento, aparência e desejo. Os participantes demonstraram, ao longo da pesquisa, como se veem pressionados a corresponder a um ideal de “homem aceitável”, o que os afasta de expressões mais livres e afetivas de sua identidade. A rejeição da afeminação, nesse sentido, não é apenas imposta de fora, mas também reproduzida internamente, como tentativa de se proteger do estigma e garantir pertencimento.

No entanto, reconhecer essas dinâmicas de exclusão, especialmente aquelas naturalizadas ou internalizadas, é um passo fundamental para desestabilizar os sistemas que sustentam a homofobia. A percepção clara de que a homofobia não se resume a agressões físicas, mas se manifesta em piadas, silenciamentos e invisibilizações cotidianas, permite que essas experiências sejam nomeadas e, assim, enfrentadas. A partir do momento em que homens *gays* identificam e validam essas violências como reais e estruturais, cria-se um caminho para que possam denunciá-las, tanto nas instituições quanto nas relações pessoais, rompendo com o silêncio que alimenta a opressão.

Além disso, compreender o impacto dessas vivências permite fortalecer estratégias coletivas de cuidado, apoio e resistência. A conexão com outros corpos dissidentes, a valorização de estéticas afeminadas e a produção de espaços seguros emergem como formas de resistência frente às normatividades excludentes. Ainda que persistam desafios, a visibilidade das experiências de homofobia, especialmente quando articuladas a processos de denúncia e reconhecimento político, contribui para o enfraquecimento das formas de violência simbólica e para a construção de uma cultura mais plural, justa e acolhedora.

Entendidos que esse trabalho está limitado em sua abordagem, que mobiliza experiências comuns que aquelas que suscitam o aparecimento das diferenças, sugerimos que trabalhos futuros se debrucem sobre populações mais heterogêneas (em especial outras regiões do país e classes sociais) compreendendo quais elementos emergem dessas diferenças sociais, bem como traçando comparativos com processos que atravessam a experiência de homens bissexuais e homens trans.

Em última instância, é preciso não apenas combater a homofobia estrutural, mas também desarticular os mecanismos internos que operam a desvalorização de si e dos outros. E isso passa, necessariamente, pela legitimação das experiências subjetivas de homens gays, incluindo a valorização da afeminação como expressão legítima de existência, não como fraqueza, mas como resistência.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALVES, Camila Pires; MACHADO, Carolina. Entre a saúde e a estética: a constituição de sentidos em capas de revista masculina. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 523-538, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21165/el.v50i2.3015>. Acesso em: 22 jun. 2025.

ANTUNES, Pedro Paulo. **Homofobia internalizada**: o preconceito do homossexual contra si mesmo. São Paulo: Annablume, 2017.

AZEVEDO, Pietra. "A senhora é destruidora mesmo": etnografando a socialização e a sociabilidade entre as travestis no contexto urbano mossoroense. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, Pelotas, v. 9, n. 2, p. 236-249, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/16411/13873>. Acesso em: 22 jun. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**. Barcelona: Editora Bellaterra, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

32
CADILHE, Alexandre José. Masculinidades em performance. In: LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris. (org.). **Suleando conceitos e linguagens**: decolonialidades e epistemologias outras. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 239-244.

CAMINO, Leônicio; ISMAEL, Eliane. A Psicologia Social e seu papel ambíguo no estudo da violência e dos processos de exclusão social. In: SOUZA, Lídio de; ARAÚJO, Zeidi (org.). **Violência e práticas de exclusão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 43-56.

CIAMPA, Antônio Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CIAMPA, Antônio Costa. Políticas de Identidade e Identidades Políticas. In: DUNKER, Christian; PASSOS, Maria (org.). **Uma**

psicologia que se interroga: ensaios. São Paulo: Edicon, 2002. p. 133-144.

COLLING, Leandro. Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados.

Revista Gênero, Niterói, v. 8, n. 1, p. 207-222, 2007.

Disponível em: <https://ieg.ufsc.br/cedoc/revistas/0/volumes-eletronicos/0/4845>. Acesso em: 5 nov. 2025.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 5 nov. 2025.

COSTA, Bárbara. As microterritorialidades nas cidades: reflexões sobre as convivências homoafetivas e/ou homoeróticas. **Terr@ Plural**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 257-272, 2012. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/3187>. Acesso em: 5 nov. 2025.

CRUZ, Ana Karla Souza. **Teu corpo é meu espelho e em ti navego:** práticas homoafetivas e constituição dos espaços e convivências da homossexualidade juvenil em Parnaíba/PI. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Faculdade de História, Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba, 2013.

DE OLIVEIRA, José Batista. **Entre machos e maricas:** Um estudo sobre masculinidades gays em ambiente corporativo na cidade do Rio de Janeiro/RJ. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2017.

ERICK, Igor; DOMINGUES, Bruno. O PROBLEMA – Corpos, sensações e paisagens: Lançando questões de fora do eixo sobre

a diversidade sexual e de gênero. **Novos Debates**, Brasília, v. 5, n. 1-2, p. 72-79, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.48006/2358-0097-5209>. Acesso em: 5 nov. 2025.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUFBA, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GONÇALVES, Carlos Henrique Bem. O contrato de comunicação da extrema direita e as batalhas discursivas na pandemia da Covid-19. In: GUEDES, Raquel; SILVA, Fábio (org.) **Contestando as fronteiras de gênero, raça e sexualidade na sociedade brasileira**. Campina Grande: Ampla Editora, 2023. p. 76-93.

GONTIJO, Fabiano; ERICK, Igor. Diversidade sexual e de gênero, ruralidade, interioridade e etnicidade no Brasil: ausências, silenciamentos e... exortações. **Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, Cuiabá, v. 2, n. 4, p. 24-40, 2015. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/3181/pdf>. Acesso em: 5 nov. 2025.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Ayné, 2018.

JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Brasília: Edição do autor, 2012. Disponível em: https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%95ES_TRANS.pdf?1334065989. Acesso em: 7 jul. 2019.

LAGES, Sônia; SILVA, Ariane; CAMPOS, Marina; MIEZ, Walter. Desafios para o enfrentamento ao HIV/AIDS entre os homossexuais negros. **Encontro**, Santo André, v. 17, p. 66-80, 2014.

LATTANZIO, Felipe Figueiredo. **O lugar do gênero na psicanálise: da metapsicologia às novas formas de subjetivação.** 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciências Humanas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/3ec64e71-915f-4f3d-9425-4ca81a084f57/content>. Acesso em: 5 nov. 2025.

LAU, Héliton Diego. Um estudo sobre a representação da identidade *Gay* no entretenimento brasileiro. **Revista de Educação Dom Alberto**, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 6, p. 121-132, 2014. Disponível em: <https://revista.domalberto.edu.br/index.php/educacaodomalberto/issue/view/30>. Acesso em: 5 nov. 2025.

LOTTI, Paulo. Homofobia. *In:* NICOLI, Pedro; RAMOS, Marcelos; VALENTIN, Márcia (org.). **Dicionário jurídico do gênero e da sexualidade**. São Paulo: Editora Devires, 2022. p. 467-468.

LOURO, Guacira. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-76, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/issue/view/2425>. Acesso em: 5 nov. 2025.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tábula Rasa**, Bogotá, n. 9, p. 73-102, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n9/n9a06.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2025.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 31-44, 2002. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072002000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 5 nov. 2025.

MÁXIMO, Aryane; LEITE, Ramon Silva. Sou homem com H! O movimento migratório do consumo de produtos de beleza. **Consumer Behavior Review**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 19-

37, 2020. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/c5e1/9a829dffe0e015a2ffc60df7eb6bb159e3c1.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2025.

MAZZARO, Daniel. Colonialidade de gênero. *In: LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris. (org.). **Suleando conceitos e linguagens**: decolonialidades e epistemologias outras.* Campinas: Pontes, 2022. p. 43-49.

MAZZARO, Daniel. Sexualidades decoloniais: a latino-americanização dos estudos queer. *In: MENDONÇA E SILVA, Cleidimar (org.). **América Latina e língua espanhola**: discussões decoloniais.* Campinas: Pontes, 2020. p. 289-313.

MEIRA, Célio; FERREIRA, Lucas. Joga pedra na Geni: uma discussão para além dos territórios urbanos de sociabilidades gays na cidade de Salvador-BA. **Geopauta**, Salvador, v. 2, n. 3, p. 67-82, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/rg.v2i3.3653>. Acesso em: 22 jun. 2025.

MELLO, Luiz; GONÇALVES, Eliane. Diferença e interseccionalidade: notas para pensar práticas em saúde. **Cronos**, Natal, v. 11, n. 2, p. 163-173, nov. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2157>. Acesso em: 5 nov. 2025.

MINAYO, Maria Cecília Souza. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 23-26, 2005. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000100005>. Acesso em: 22 jun. 2025.

NASCIMENTO, Adriano; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria. Relações de Gênero. *In: DESLANDES, Keila; LOURENÇO, Erika. (org.). **Por uma cultura dos Direitos Humanos na Escola**: princípios, meios e fins.* Belo Horizonte: Fino Traço, 2012. p. 91-102.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes. Seguindo os passos “delicados” de gays afeminados, viados e bichas pretas no Brasil. In: CAETANO, Márcio; JUNIOR, Paulo Melgaço (org.). **De guri a cabra-macho**: masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018. p. 127-145.

OLIVEIRA, Yan Menezes; CAMARGO, Karina Acosta. Pedagogias da masculinidade: Gênero e violência na modernidade-colonial. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 12, p. 117171-117187, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/41325/pdf>. Acesso em: 22 jun. 2025.

OLIVEIRA, Mateus; MYSKIW, Mauro; SILVEIRA, Raquel. Estudo etnográfico no lazer do jiu-jitsu ao meio dia: uma confraria de homens e suas masculinidades. **Revista brasileira de estudos do lazer**, Belo Horizonte, v. 7, n. 3, p. 25-44, set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/25309/23291>. Acesso em: 5 nov. 2025.

PARENTE, Jeanderson *et al.* Álcool, drogas e violência: implicações para a saúde de minorias sexuais. **Reprodução & Climatério**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 108-114, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1413208715000606>. Acesso em: 22 jun. 2025.

PENNER, Tomaz; GRECO, Clarice. Representatividade no audiovisual: personagens LGBT+ na série 3%. **E-Compós**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 1-20, 2023. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2726>. Acesso em: 22 jun. 2025.

PEREIRA, Wilson Guilherme Dias; HILÁRIO, Rosangela Aparecida; FERNANDES, Estevão Rafael. Caixão e velas pretas ao velório do silêncio das LGBTQIA+ amazônidas. **Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, Cuiabá, v. 9, n. 20, p. 11-26, 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/13724/11620>. Acesso em: 5 nov. 2025.

PRADO, Marco Aurélio; MACHADO, Frederico. **Preconceito Contra Homossexualidades** – A Hierarquia da Invisibilidade. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder e clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar; Universidad Central-IESCO; Siglo del hombre, 2007. p. 93-126.

RODRIGUEZ, Shay. Um breve ensaio sobre a masculinidade hegemônica. **Diversidade e Educação**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 276-291, 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9291>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SANTOS, Luís Felipe. **As representações sócio-históricas de personagens LGBTQIAP+ na produção audiovisual (1920-2022): uma contribuição da psicologia social**. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

SANTOS, Natália; PEREIRA, Severino. Barba, cabelo e bigode: consumo e masculinidades em barbearias. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 59, n. 3, p. 183-194, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-759020190304>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SANTOS, Emily; SANTANNA, Ygor. Colonialidade do poder. In: LANDULFO, Cristiane; MATOS, Doris. (org.). **Suleando conceitos e linguagens: decolonialidades e epistemologias outras**. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 59-24.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 5 nov. 2025.

SILVA, Sérgio Gomes. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 8-15, 2000. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-9893200000300003>. Acesso em: 22 jun. 2025.

TAJFEL, Henri. **Human groups and social categories**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

TAJFEL, Henri. Social psychology of intergroup relations. **Annual Review of Psychology**, Palo Alto, v. 33, p. 1-39, 1982. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/content/journals/10.1146/annurev.ps.33.020182.000245>. Acesso em: 5 nov. 2025.

TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. **Territórios homoeróticos em Belo Horizonte**: um estudo sobre as interações sociais nos espaços urbanos. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003. Disponível em: https://bib.pucminas.br/teses/CiencSociais_TeixeiraAE_1.pdf. Acesso em: 5 nov. 2025.

TONELI, Maria Juracy; BECKER, Simone. A violência normativa e os processos de subjetivação: contribuições para o debate a partir de Judith Butler. In: FAZENDO GÊNERO: DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 9., 2010, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2010. p. 1-8.

TRINDADE, Zeidi; NASCIMENTO, Adriano. O homossexual e a homofobia na construção da masculinidade hegemônica. In: SOUZA, Lídio; TRINDADE, Zeidi (org.). **Violência e exclusão**: convivendo com paradoxos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 146-162.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes:** uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19685>. Acesso em: 31 out. 2023.